

AS INTERFACES DAS VIVÊNCIAS DA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA DE MÃES ADOLESCENTES E ADULTAS

THE INTERFACES OF ADOLESCENT AND ADULT MOTHERS FIRST EXPERIENCE

LAS INTERFACES DE LAS VIVENCIAS DE LA PRIMERA EXPERIENCIA DE MADRES ADOLESCENTES Y ADULTAS

Angélica Zanettini¹, Jeane Barros de Souza², Denise Moser Aguiar³

RESUMO

Objetivo: compreender os significados da maternidade para as mães adolescentes e adultas, primíparas, desvelando sua rede de apoio na vivência desta experiência. **Método:** trata-se de uma pesquisa descritiva, exploratória, de abordagem qualitativa, com participação de 11 mães primíparas, sendo cinco, adolescentes de 10 e 19 anos e seis, adultas de 20 aos 40 anos. Para a coleta dos dados, foi utilizado um roteiro com questões semiestruturadas, segundo o conteúdo Bardin, 2011, para organização e análise dos dados. **Resultados:** percebeu-se que a maternidade gerou modificações no viver das mães como: alterações físicas e no seu cotidiano e de sua família com a chegada do bebê. A rede de apoio mostrou-se essencial pelo amparo e consolo nas dificuldades a serem enfrentadas. **Conclusão:** para as mães analisadas, o significado da maternidade refere-se ao cuidado, ao carinho e ao apego pelo(a) filho(a); e os principais desafios da maternidade são os cuidados demandados com a criança, cujas dificuldades são amenizadas pela rede de apoio, que tem uma função muito importante, desde níveis emocionais a financeiros, na vivência da primeira experiência de ser mãe.

Descritores: Gravidez; Maternidade; Saúde da mulher.

ABSTRACT

Objective: to understand the meanings of motherhood for adolescent and adult mothers, both primiparous, revealing their support network in this experience. **Method:** This is a descriptive, exploratory, qualitative approach research, involving 11 primiparous mothers; five of them adolescents with 10 and 19 years old; and six adults between 20 and 40 years old. For the data collection, the study used a script with semi-structured questions, according to Bardin content, 2011, for data organization and analysis. **Results:** the study showed that motherhood generated changes in the mothers' lives such as physical changes and in their daily life and in their family with the baby arrival. The support network was essential to support and console them in the difficulties they face. **Conclusion:** for the analyzed mothers, the meaning of motherhood refers to care, affection and attachment to the child. The main motherhood challenges are the care demanded with the child that the support network soften, having a very important function, from emotional to financial levels, in this first experience of being a mother.

Descriptors: Pregnancy; Parenting; Women's health.

RESUMEN

Objetivo: comprender los significados de la maternidad para las madres adolescentes y adultas, primíparas, desvelando su red de apoyo en la vivencia de tal experiencia. **Método:** se trata de una investigación descriptiva, exploratoria, de abordaje cualitativo, con participación de 11 madres primíparas, cinco adolescentes de 10 y 19 años, y seis adultas de 20 a 40 años. Para la recolección de los datos, se utilizó un itinerario con cuestiones semiestructuradas, utilizando análisis de contenido (Bardin, 2011) para organización y análisis de los datos. **Resultados:** se percibió que la maternidad generó modificaciones en el vivir de las madres como alteraciones físicas y en su cotidiano y de su familia, con la llegada del bebé. La red de apoyo se mostró esencial a través del amparo y consuelo en las dificultades a ser enfrentadas. **Conclusión:** para ellas, la maternidad significa cuidado, cariño y apego por el hijo, y los principales desafíos de la maternidad son el cuidado con el niño, pero tal dificultad se suaviza con la red de apoyo que tiene una función muy importante en diferentes niveles, sea emocional o financiero en la vivencia de la primera experiencia de ser madre.

Descriptores: Embarazo; Responsabilidad parental; Salud de la mujer.

¹Graduada em Enfermagem pelo Centro Universitário do Triângulo - UNITRI. ²Graduada em Enfermagem. Doutora em Ciências pela Universidade Federal de São Paulo. Docente na Universidade Federal Fronteira Sul – Campus Chapecó. ³Graduada em Enfermagem. Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina - PPGE/UFSC, na linha de Ensino e Formação de Educadores (EFE). Docente na Universidade Federal Fronteira Sul - Campus Chapecó.

Como citar este artigo:

Zanettini A, Souza JB, Aguiar DM. As interfaces das vivências da primeira experiência de mães adolescentes e adultas. 2017;7:e1987. [Access _____]; Available in: _____. <https://dx.doi.org/10.19175/recom.v7i0.1987>

INTRODUÇÃO

A maternidade é uma experiência singular pela qual a mulher passa, e ela sofre distintas transformações, modificando paradigmas e perspectivas que modelam não apenas seu corpo físico, mas, principalmente, o seu jeito de pensar e ver o mundo⁽¹⁾. No passado, as mulheres casavam-se muito cedo e logo se tornavam mães, ficando estritamente ligadas ao ambiente doméstico. Nas famílias tradicionalistas, em sua grande maioria, somente ao filho do sexo masculino era ofertada a possibilidade de estudo, deixando de lado a oportunidade de a mulher estudar e conhecer o mundo ao seu redor⁽²⁾.

Nessa perspectiva, o tradicionalismo, também, perpassa a sociedade masculina, branca e oportuniza somente aos homens, visto que as mulheres cediam às vontades de seus parceiros. Ao olhar de afeto e de como a relação se estabelece, no amor romântico, é que surge a ideia de que essa atitude seria uma invenção dos homens, para influenciar as mulheres com utopias e encantamentos⁽³⁾.

Com o passar do tempo, a mulher foi adentrando o mercado de trabalho, ampliando, assim, seus direitos, mas sem deixar de lado a maternidade, independentemente da idade. Embora a gravidez seja muito valorizada, atualmente, não é a única opção na vida da mulher, que tem, hoje em dia, o poder de escolha, considerando a decisão, com base em métodos contraceptivos de escolher não ter filhos⁽²⁾.

E, quando a mulher, adolescente ou adulta, opta por uma gravidez ou ela acontece, terá o desafio de, pela primeira vez, tornar-se mãe, independentemente da idade. Nesta fase, a mulher passa por um processo de construção, que irá demandar preparação a fim de capacitá-la a cuidar do recém-nascido. Este processo pode se iniciar na infância, em que algumas mulheres possuem, como exemplo, a mãe, pela interação que têm com ela⁽⁴⁾.

A experiência da gravidez na adolescência acarreta em inúmeras desvantagens, comparada à gravidez na fase adulta, tanto de maneira física como psicológica e social, para as próprias adolescentes e suas famílias, gerando mudanças em todos os envolvidos no processo⁽⁵⁾. É indubitável que a temática da maternidade na adolescência já vem sendo bastante explorada, porém há, ainda, um déficit de informações na literatura, acerca da visão da mãe adolescente e

da mãe adulta, no processo de maternidade, que compreenda a vivência desta experiência.

O atributo de ser mãe pode se tornar um projeto de vida, visando a preencher uma lacuna de identidade ou até mesmo de uma ocupação. É necessário conhecer quais são os significados da maternidade, pois, algumas vezes, o conhecimento que se tem refere-se estritamente ao biológico da gestação, que, pela gestação na adolescência, pode trazer alguns efeitos negativos, como perda das oportunidades educacionais, menor oportunidade de trabalho e a redução das chances de um casamento feliz, além de conflitos psicológicos pelo estado emocional⁽⁶⁾, sendo algo aparentemente mais complexo do que se ocorresse na fase adulta.

Urge a necessidade de auxiliar e apoiar as mães, que passam pela primeira experiência da maternidade, para que se reconheçam e se valorizem em seu exercício de ser mãe, pois cuidar de um filho demanda energia, afeto e atenção.

A mãe necessita estar disponível, psicologicamente, para transmitir carinho e educação ao filho, o que implica um envolvimento emocional materno, para que a criança se desenvolva mais segura. Essa atitude resultará em maior realização e integração de suas identidades, em um laço estreito de ligação e interação com o bebê⁽¹⁾.

É importante destacar que a maternidade é uma temática de relevância para a Enfermagem, por ser uma profissão singular na promoção da saúde, inclusive, no momento de gestar um novo ser, refletindo na qualidade de vida tanto da futura mamãe como da criança que irá nascer. Mas qual seria o significado da maternidade para as mães primíparas adolescentes e adultas? Qual a importância da rede de apoio na vivência da primeira experiência da maternidade? Nesta perspectiva, tem-se como objetivo, neste estudo, compreender os significados da maternidade, para as mães adolescentes e adultas primíparas, desvelando sua rede de apoio na vivência de tal experiência.

MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa descritiva, exploratória, com abordagem qualitativa, realizada no Oeste catarinense, com a participação de onze mães primíparas, sendo cinco adolescentes, com idade entre 10 e 19 anos e seis adultas, com idade entre 20 e 40 anos.

Todas as participantes do estudo são usuárias do Sistema Único de Saúde, do município de Chapecó-SC. Optou-se por atuar em um dos bairros do referido município pelo fato de uma das pesquisadoras ter contato com a equipe de trabalho. A partir de então, os agentes comunitários de saúde (ACS) selecionaram todas as mães primíparas cadastradas, cujos filhos possuíam até dois anos de idade.

Assim, os ACS acompanharam as pesquisadoras até a residência das mães selecionadas, para uma primeira visita domiciliar e convidá-las a participar do estudo. Com o aceite, foi agendada nova visita, para realização da entrevista, em um horário e data, conforme a disponibilidade de cada participante.

As entrevistas foram realizadas, na segunda visita, na própria casa das mães primíparas, que estavam acompanhadas somente de seu filho ou filha, sem a presença de outros adultos em domicílio, a fim de propiciar maior tranquilidade e liberdade de expressão, com duração, aproximadamente, de meia hora.

Vale destacar que esta pesquisa só foi realizada, após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. E, para manter o sigilo das participantes, optou-se por denominá-las pelo nome das 11 borboletas mais raras do mundo e se buscaram características físicas e emocionais entre as participantes do estudo e as borboletas, observando que, para se tornar uma borboleta, é necessária a metamorfose e esse processo de transformação pode ser comparado com a maternidade, pois nenhuma mãe nasce pronta. Assim, as cinco mães adolescentes foram denominadas de Azul, Madeira, Apolo, Folha e Branca Camuflada, e as seis mães adultas Coruja, Camuflada, Pavão, Branca da Madeira, Transparente e Almirante Vermelho.

A coleta de dados ocorreu por meio de um roteiro com questões semiestruturadas a cada participante. Todas as falas foram gravadas, considerando um tempo médio de 60 minutos por entrevista, as quais foram, posteriormente, transcritas e analisadas, a partir da análise de conteúdo⁽⁷⁾. Um conjunto de técnicas de análise das comunicações foi utilizado, com o intuito de obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com a organização e análise dos dados, surgiram duas categorias: “A vivência da primeira experiência da maternidade para mães adultas e adolescentes” e “A importância do apoio na primeira experiência da maternidade”.

1. A vivência da primeira experiência da maternidade para mães adultas e adolescentes.

A maternidade concretiza-se como geradora de responsabilidade e desafios e, ao mesmo tempo, é promotora de transformações pessoais, sociais e emocionais, como amadurecimento, ampliando comportamentos para que as mães sejam reconhecidas por suas capacidades e, assim, resgatem ou conquistem sua autoestima, com um significado benigno, tornando a maternidade uma experiência singular, maravilhosa e sublime⁽¹⁾.

Mas será que o amor materno é um instinto, uma tendência feminina inata, ou depende, em grande parte, de um comportamento social, variável de acordo com a época e os costumes? O instinto materno é um mito, não há uma conduta materna universal e necessária, existe uma extrema variabilidade desse sentimento, segundo a cultura, as ambições ou as frustrações da mãe. O amor materno é apenas um sentimento humano como outro qualquer e, dessa forma, incerto, frágil e imperfeito. Pode existir ou não, pode aparecer e desaparecer, mostrar-se forte ou frágil, preferir um filho ou ser de todos, contrariando a crença generalizada em nossos dias de que ele não está profundamente inscrito na natureza feminina⁽⁸⁾.

No entanto, a vivência da maternidade, para as participantes deste estudo, foi destacada como algo maravilhoso, instintivo, despontando o amadurecimento, novos aprendizados e, dessa forma, nasce o sentimento de cuidado, carinho e apego pelo filho(a):

“É tudo, eu não consigo imaginar como é que tinha graça antes de eu ter ele, como é que tinha sentido as coisas assim sabe... É o tesouro da vida da gente, amo...” (Borboleta Coruja).

“Ser mãe é instinto, é maravilhoso, eu fui me acostumando, amadurecendo e aprendendo muita coisa... amo meu filho mais que tudo nessa vida” (Borboleta Azul).

Para se tornar mãe, a mulher passa por um processo de construção, que irá demandar preparação, capacitando a mãe para cuidar do recém-nascido⁽⁹⁻¹⁰⁾. Este processo pode se iniciar na infância, onde algumas mulheres pegam como

exemplo a mãe, pela interação que tem com a mesma, buscando se espelhar ou criar um modelo para si, que se observa pelo modo como brinca com as bonecas^(9,11).

No caso da gravidez na adolescência, é importante reiterar que pode acontecer por diversos fatores, sejam eles de ausência de prevenção nas relações sexuais, um descuido e, algumas vezes, acontece de forma planejada de uma ou ambas as partes⁽¹²⁾. Contudo a maternidade na adolescência nem sempre é algo planejado e esperado, pode ocorrer um choque, um susto, porque a adolescente não sabe o que fazer diante de toda a mudança que a gravidez e a maternidade podem causar:

“No começo fiquei bem assustada... porque, a partir daquele dia, tudo ia mudar... é a melhor experiência da minha vida... não consigo me ver mais sem a minha filha, sem a minha família...” (Borboleta Azul).

Fica evidente, conforme a fala acima, que a gestação não foi planejada, mas, no decorrer da gravidez, a maternidade passou a ser bem aceita por todas as mães participantes deste estudo. Uma entrevistada, Borboleta Azul, declara que, atualmente, não consegue mais se enxergar sem a filha, a qual tem, em sua vida, um espaço primordial e insubstituível. Nesta perspectiva, a maternidade na vida da adolescente se tornou algo essencial, necessitando ser compreendida em suas dificuldades tanto pelos seus familiares, como pelos profissionais da saúde, educação e sociedade em geral.

Um fator importante a destacar é que as adolescentes que iniciam a vida sexual precocemente e acabam engravidando, geralmente, vêm de famílias cujos pais passaram pela mesma situação e experiência, o que torna isso algo natural, servindo como exemplo, levando à ocorrência e repetição da gravidez nesta fase⁽¹³⁾. No caso das mães adultas, os fatores mudam de acordo com as vivências e expectativas do processo gravídico.

A partir da maternidade, transformações constantes acompanham o viver das mulheres, que implicam ser a provedora principal de cuidados para o futuro filho e é sobre ela que irá recair, socialmente, a maior responsabilidade de bem-estar do bebê. Posteriormente ao nascimento de um filho, a posição da mulher, no ciclo vital muda, pois ela se transforma de mulher/filha à mãe⁽¹⁴⁾.

Diante da maternidade, um dos pontos mencionados tanto pelas mães adolescentes

como pelas mães adultas foi a dificuldade de não poder mais sair de casa, como anteriormente e, quando conseguem sair, há preocupação com o bebê que ficou em casa:

“... Não dá mais tempo de pensar em você...e a gente quase não tem tempo sabe, só para ele (filho), nem o marido não tem...” (Borboleta Pavão).

“... Tudo mudo depois do nenê, tudo, antes eu saía sem preocupação, agora eu saio e penso: será que ele que mamá, está chorando, antes eu saía, voltava a hora que quisesse, mas agora...” (Borboleta Madeira).

Evidencia-se na fala das mães a preocupação com o bebê e não somente com elas mesmas, ocorrendo pela maternidade, certas modificações sociais, que aparecem na vida não apenas das adolescentes, mas das mães de forma geral, como dificuldades de manter a mesma relação com os amigos, as rotinas de festas, jantares, e eventos sociais que frequentavam^(6,15-16).

As mães adultas e adolescentes, também, relataram sobre as modificações que ocorreram em seu corpo, anteriormente, eram mais magras e, ainda, abordaram sobre o mal-estar durante o período gestacional, dificuldades de se alimentar, edema, sofrimento no parto e a presença de estrias pelo corpo:

“...antes punha uma roupa, uma roupa bonita ali, ficava bonita porque a gente tinha um corpo mais magra, agora a gente tem estria não dá mais...” (Borboleta Madeira).

“Eu já sofri a gravidez inteira, vômito, emagreci muito, não tinha fome, vomitava tudo, depois dos 6 meses começou a inchar meu corpo, fiquei muito inchada, não conseguia caminhar, tipo sofri a gravidez inteira até ganhar ela...” (Borboleta Pavão).

Por meio dos relatos acima de Borboleta Madeira e Pavão, desvela-se o sofrimento durante a gestação, o desgosto com relação às modificações no corpo, principalmente, por engordar, evidenciando uma apreensão quanto à estética e autoimagem, causando, assim, um certo sentimento de tristeza, rejeição e baixa autoestima^(12,17).

Após o processo de gestação e toda essa alteração corporal, além do parto que também é marcante, adentram-se as mudanças e preocupações com o bebê e de como será de agora em diante, sendo um período de transição, incorporando responsabilidade no âmbito social e familiar⁽¹⁵⁾. Tal questão também foi encontrada neste estudo:

“.... Tipo, muda totalmente a vida da gente, mas muda para melhor, só que tem que estar preparada, porque não é como era antes né, a vida tua vira em torno da vida dele (filho) ... a minha prioridade é ele... não é como antes...” (Borboleta Camuflada).

“... tu vais em uma loja tem um sapato para ti, você vê as coisas para o nenê, aí você vai lá e compra tudo pra ela (filha). Ultimamente é tudo pra minha filha, tudo pra ela...” (Borboleta Apolo).

Ao observar as falas acima, fica evidente o quanto a maternidade modificou a vida destas mulheres, na questão de maturidade e responsabilidades por outra vida. Outro fator a destacar é que as mães primíparas poderão mais facilmente se relacionar com seus filhos pelo fato de já haverem cuidado de outras crianças:

“...eu cuidei do meu sobrinho pequeno, eu tinha noção assim de como era lidar com criança sabe, e eu gosto, gostava já de cuidar de crianças, na gravidez, eu cuidava de criança em casa, então, eu já fui me adaptando, já sabia como que era, sabia também que ia mudar...” (Borboleta Coruja).

No entanto, pegar uma criança no colo, ou cuidar por algumas horas dos filhos dos outros, não tem o mesmo sentido que assumir a maternidade em tempo integral, responsabilizando-se pelo filho⁽¹⁷⁾.

Com relação aos principais desafios da maternidade, percebe-se que a maioria das dúvidas era quanto ao cuidado que teriam com o recém-nascido. Pelo fato de o recém-nascido ser muito pequeno e frágil, as mães relatam um sentimento de medo e ansiedade que decorre, neste primeiro contato com o filho, depois da gestação, na adaptação com a criança⁽¹⁵⁾.

Além das mudanças fisiológicas e transformações na rotina das mães entrevistadas, os desafios também surgiram para elas, porque não estão acostumadas com estes cuidados nem com os sinais que o recém-nascido transmite. Neste aspecto, observa-se que, independentemente da idade, houve, também, para as mães adultas, insegurança e o receio no cuidado com o filho recém-nascido, quanto a pegar no colo, dar banho e cuidar do umbigo:

“As dificuldades, quando ele nasceu, foi mais a insegurança mesmo, fica insegura, tu tens medo, como que eu vou cuidar no começo, era complicado, né” (Borboleta Mórmon).

“...eu vou ter um nenê, como vou segurar no colo, às vezes, tem bebê que se afoga, fica

roxo, se afoga, tinha medo de dar a mamadeira, porque vem mais, né, mas foi tudo fácil, simples, uma coisa que é só cuidar” (Borboleta Pavão).

Diante das falas acima, fica clara a insegurança e o medo que as mães primíparas sentem ao prestar os cuidados para o bebê, tendo receio de pegar um ser tão frágil, tão pequeno e delicado. Assim, torna-se essencial o apoio do enfermeiro neste processo, pois as mães primíparas estão passando por um período de ajustes, em sua vida e com o bebê, cheias de dúvidas, questionamentos e incertezas e, na maioria das vezes, é nesse momento que se tornam mais acessíveis para receberem amparo, apoio e orientações, esclarecendo dúvidas e auxiliando no que for preciso.

2. A importância do apoio na primeira experiência da maternidade.

Percebe-se, no decorrer da pesquisa, que a maternidade é um período de grandes transformações na vida da mulher, podendo ser vivenciada de maneiras diferentes, algumas com mais dificuldades, outras com menos, mas com o apoio familiar este momento pode se tornar menos impactante na vida das mães primíparas.

A vivência da maternidade na fase adulta e na adolescência poderá ou não contar com o apoio da família, dependendo da qualidade dos vínculos familiares e da situação econômico-financeira. No entanto, o apoio social é um dos fatores que contribui para a adaptação psicológica da mulher ao seu novo papel. A família gera condições, para o desenvolvimento do novo ninho familiar com a chegada do recém-nascido, ao dispensarem atenção e cuidados, auxiliando no fortalecimento da convivência com o novo integrante da família⁽¹⁸⁾.

Em se tratando da gravidez na adolescência, o apoio da família torna-se essencial, principalmente, no momento de revelar o acontecimento da gravidez:

“...eu nunca achei que eles (família) teriam aquela reação, me apoiar daquela forma e acho que foi uma das coisas mais importantes que eu tive, porque ali a gente percebe o quanto é importante apoiar os filhos, que o exemplo vem de casa...” (Borboleta Folha).

Apesar da importância do apoio familiar, algumas famílias não recebem bem a notícia da gravidez na adolescência, talvez por terem planejado um futuro diferente para sua filha por questão econômica, social, cultural ou educacional. Quando a família não aprova de

início a gestação, conflitos e desencontros entre os familiares torna a condição materna mais complexa⁽¹⁹⁾. E a nova mãe, ao saber da gestação e ao viver a maternidade, sente necessidade de esclarecimentos e apoio em diversas áreas, principalmente emocional, para melhor vivenciar a construção da identidade materna⁽¹⁹⁻²⁰⁾.

Já para as mães adultas deste estudo, o apoio familiar foi intenso, não havendo conflitos ou receios no momento de compartilhar a notícia da gravidez:

“...foi lindo quando falei para toda minha família que eu estava grávida, porque todo mundo curtiu junto comigo e me apoiou” (Borboleta Almirante Vermelho).

Com a maternidade, a mãe primípara, independentemente da idade, vê-se na situação de ter que prestar o cuidado ao recém-nascido, mas nem sempre se sente apta para realizar tal ação. Destaca-se a relevância da figura feminina, para auxílio das mães primíparas, que geralmente é desenvolvida pela própria mãe da gestante, mostrando a participação das avós como modelo de identificação, em que ela gostaria de desempenhar o papel como a sua mãe realizou nos cuidados com o recém-nascido, habilidades e trocas de informações⁽⁹⁾. A figura feminina, por meio do apoio da mãe e sogra, torna-se muito importante, passando segurança e tranquilidade:

“A mãe que mais me dá apoio, me ajuda em tudo... banho, troca, desde comprar uma fralda, conversar...” (Borboleta Transparente).

“O apoio da mãe é tudo, a base, né, desde que eu engraidei ela me apoiou, ela corria comigo não importava que hora...” (Borboleta Folha).

“A minha sogra foi a pessoa que mais me apoiou...” (Borboleta Branca Camuflada).

Na vivência da maternidade, o apoio familiar é muito importante, principalmente da figura materna ou feminina, para auxiliar a nova mãe a minimizar os possíveis medos, insegurança e ansiedade com o nascimento da criança, favorecendo o desenvolvimento de sua competência e amadurecimento^(8,6,21).

Neste estudo, encontramos a Borboleta Branca Camuflada, que não obtiveram apoio materno, ocasionando stress e nervosismo:

“Ela (mãe) veio até aqui (na casa), quando eu estava grávida, fez um monte de escândalo, me deixou bastante estressada, e eu acabei tendo ela antes do prazo, com 37 semanas, eu fiquei bastante nervosa...” (Borboleta Branca Camuflada).

O apoio da família, na vivência da maternidade, é uma condição indispensável, para que a mãe primípara se sinta amparada, e o recém-nascido possa se desenvolver em ambiente calmo e acolhedor, além de incentivar a melhor relação da mãe com seu filho⁽²²⁾.

A maternidade não é necessariamente marcada somente pelo nascimento do filho, mas, sim, pelas mudanças psicológicas e da própria estrutura familiar, principalmente pelo papel que essa mulher assume. Importante lembrar que o relacionamento com o pai do bebê se torna fundamental, visto que a mulher precisa de apoio e compreensão para enfrentar esse momento de transformação de maneira mais leve e agradável⁽¹⁴⁾.

Três mães adultas e uma adolescente relataram que o marido ou companheiro auxilia nos cuidados com os bebês; eles ajudam a trocar fraldas, a dar banho, auxiliam na hora da amamentação e a fazer dormir:

“Nossa, até hoje ele dá banho, troca fralda, ele que levanta de noite para pegar ela e traz para mim dar mamã, daí ele bota ela de novo dormir...” (Borboleta Azul).

“Meu marido me ajudou desde o primeiro momento que soube que eu falei para ele da gravidez...” (Borboleta Almirante Vermelho).

Durante todo o período da gestação, deve haver um envolvimento do par, no entanto, perante a nossa sociedade atual, a responsabilidade de ter engravidado, geralmente, afeta a mulher, por mais que se saiba que ela não consiga engravidar sozinha. Portanto deve-se construir um relacionamento de cumplicidade, respeito e ajuda, pois, a partir desse momento, não serão mais um casal e, sim, uma família⁽²³⁾.

É importante ressaltar que perante a sociedade atual e, também, na percepção das participantes deste estudo, cabe também ao homem uma postura para o desenvolvimento da paternidade, considerando que a gravidez não seja exclusiva do ser feminino e o homem tem o seu papel, não somente para suporte financeiro, mas para desempenhar o papel de pai pelo desenvolvimento de um vínculo com o recém-nascido com o zelo, amor, carinho e cuidado^(19,24).

O ser pai é um papel que se encontra em ampla transformação no que diz respeito ao redesenho da vida familiar, por causa de mudanças sociais, como a inserção feminina no mundo do trabalho, a ausência do pai em alguns casos ou, ao contrário, com a maior participação masculina na vida doméstica. E essas mudanças

vêm influenciando a formação de diferentes estruturas familiares, bem como a criação de diferentes expectativas e crenças sobre os papéis dos pais⁽²⁵⁾.

A família tem uma função muito importante no desenvolvimento social e educacional da criança. Os pais, independentemente de estarem unidos ou não, poderão trabalhar em conjunto, a fim de promover um crescimento harmonioso e saudável da criança, conduzindo-a para a fase adulta, sendo importante a participação do pai neste processo, tanto para a criança como para a vivência da maternidade e da paternidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, emergiu o significado da maternidade como o despontar do amadurecimento, novos aprendizados, o nascimento do sentimento de cuidado, carinho e apego pelo filho(a), que, para algumas, torna-se a realização de um sonho, o significado de suas vidas, o grande tesouro para as mães, que sonham com o crescimento e desenvolvimento de suas criações e almejam que voem livres e saudáveis.

Percebeu-se que a maternidade é cheia de desafios, responsabilidades e realizações. Faz-se necessário ofertar ao bebê condições adequadas para a sobrevivência, além de oferecer-lhe educação e prepará-lo para a vida. Os principais desafios da mãe primípara são os cuidados do recém-nascido, como pegar no colo, dar o banho e o coto umbilical.

Algumas mães, também, destacaram que a experiência prévia no cuidado com irmãos mais novos e outras crianças, de certa forma, auxiliaram-nas na vivência da primeira experiência da maternidade. E diante das implicações da maternidade, algumas mães adolescentes se sentiam despreparadas a desempenhar a maternidade, por ser uma experiência nova, por terem pouca idade, e algumas por não contarem com sua rede de apoio.

A rede de apoio tem uma função imprescindível, no decorrer do desenvolvimento do ser mãe, dando suporte tanto em nível emocional quanto financeiro. A figura materna é essencial, a mãe primípara, independentemente de ser adolescente ou adulta, sente a experiência da maternidade como algo totalmente desconhecido, necessitando de auxílio para lidar com o bebê e o novo lar, visto que é neste

momento que nasce uma nova família, cheia de responsabilidades. Ao contar com o apoio familiar, este momento pode se tornar menos impactante na vida das mães primíparas. E o apoio prestado pelo pai da criança é fundamental, pois, quando ele demonstra interesse pela paternidade, transmite segurança e conforto. E, quando a mãe passa por este processo sozinha, sente a falta de uma figura masculina para compartilhar este momento.

As limitações, para a realização deste estudo, ocorreram, principalmente, pela escassa referência sobre maternidade em mães primíparas, pois, na literatura, aborda-se mais sobre gravidez na adolescência, em detrimento das interfaces da vivência da primeira experiência da maternidade, dificultando a busca e referências atualizadas. Nesta perspectiva, sugerem-se outros estudos sobre os desafios da primeira gravidez e maternidade, podendo, inclusive, acrescentar a participação paterna na vivência desta experiência.

REFERÊNCIAS

- 1 - Santos PFBB, Sanots ADB, Mota GM, Galhardo TF, Medeiros ER. Significados da maternidade/paternidade para adolescentes que vivenciam esse processo. *Recom*. 2015 [Acesso em 4 ago 2017];5(2):1629-42. Disponível em: <http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/819/864>
- 2 - Silva JLP, Surita FGC. Gravidez na adolescência: situação atual. *Rev Bras Med Ginecol Obstet*. 2012;34(8):347-50. <https://doi.org/10.1590/S0100-72032012000800001>
- 3 - Giddens A. Transformações da intimidade de Giddens à luz de alguns conceitos fundamentais de Max Weber. 2th. ed. Portugal: Unesp, 2011 [Acesso em 12 set 2017]. Disponível em: <http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/642/1/225-241FCHS2004-9.pdf>
- 4 - Zanatta E, Pereira CRR. Ela enxerga em ti o mundo: a experiência da maternidade pela primeira vez. *Temas Psicol*. 2015;23(4):959-72. <https://doi.org/10.9788/TP2015.4-12>
- 5 - Presado MH, Cardoso M, Carmona AP. Gravidez na adolescência: projeto de vida ou ausência dele? *Invest Qualit Saúde*. 2014 [Acesso em 24 out 2017]; 2(1):102-5. Disponível em: <http://proceedings.ciaiq.org/index.php/CIAIQ/article/view/460>
- 6 - Guedes JS. Percepção das adolescentes frente ao desafio de ser mãe [Trabalho de conclusão].

Ceilândia: Universidade de Brasília; 2015 [Acesso em 26 set 2017]. Disponível em: <http://bdm.unb.br/handle/10483/10902>

7 - Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa; Edições 70; 2011.

8 - Badinter E. Amor conquistado: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1980.

9 - Lopes RCS, Prochnow LP, Piccinini CA. A relação da mãe com suas figuras de apoio femininas e os sentimentos em relação à maternidade. *Psicol Estud*. 2010;15(2):295-304. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722010000200008>

10 - Gutierrez DMD, Pontes KDS. Vínculos mãe-filho: reflexões históricas e conceituais à luz da psicanálise e da transmissão psíquica entre gerações. *Rev. NUFEN*. 2011 [Acesso em 12 set 2017];3(2):3-24. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912011000200002&lng=pt&nrm=iso

11 - Nascimento MG, Xavier PF, Sá RDP. Adolescentes grávidas: a vivência no âmbito familiar e social. *Adolesc. Latinoam*. 2011 [Acesso em 9 set 2017];8(4):41-7. Disponível em: http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=294

12 - Martins AC. Early motherhood? The public (un)protection to women who were mothers before 18 years old. [Tese]. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro; 2012 [Acesso em 8 set 2017]. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UERJ_6da6f9df33e97901459d4996b298837e

13 - Borges AP V. Meanings during the transition to motherhood: A woman before and after childbirth [Dissertação]. Salvador: Universidade Federal da Bahia; 2005 [Acesso em 12 set 2017]. Disponível em: https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/ana_patricia_borges.pdf

14 - Resta DG, Marqui ABT, Colomé ICS, Jahn AC, Eisen C, Hesler LZ et al. Maternidade na adolescência: significado e implicações. *REME*. 2010;14(1):1-6. <https://doi.org/S1415-27622010000100010>

15 - Alves A, Albino AT, Zampieri MFM. Um olhar das adolescentes sobre as mudanças na gravidez: promovendo à saúde mental na atenção básica. *REME*. 2011;15(4):1-8. <https://doi.org/S1415-27622011000400011>

16 - Couto FF, Praça NS. Recém-nascido prematuro: suporte materno domiciliar para o cuidado. *Rev Bras Enferm*. 2012;65(1):19-26.

<https://doi.org/10.1590/S0034-71672012000100003>

17 - Teixeira SCR. Teenage pregnancy: a new perspective on familiar rearrangement [Dissertação]. Jequiè: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia; 2013 [Acesso em 21 set 2017]. Disponível em:

http://www2.uesb.br/ppg/ppges/wp-content/uploads/2017/03/TEIXEIRA-Samia-da-C.-R.-DissertaC3A7C3A3o_Gravidez-na-adolescC3AAnci1.pdf

18 - Vieira APR, Laudade LGR, Monteiro JCS, Nakano AMS. Maternidade na adolescência e apoio familiar: implicações no cuidado materno à criança e autocuidado no puerpério. *Cienc Cuid Saúde*. 2013;4(12):687-79. <https://doi.org/10.4025/ciencucidsaude.v12i4.21195>

19 - Valila MG, Moraes NA, Dalbello NN, Vieira SS, Beratta MIR, Dupas G. Gravidez na adolescência: conhecendo a experiência da família. *REME*. 2011;15(4):1-11. <https://doi.org/S1415-27622011000400012>

20 - Maranhão TA, Gomes KRO, Oliveira DC. Relações conjugais e familiares de adolescentes após o término da gestação. *Acta Paul. Enferm*. 2012;25(3):371-7. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002012000300009>

21 - Souza JB. Do all birds fly? An ethnographic approach of adolescence experiences when it comes to pregnancy, maternity and paternity [Tese]. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo; 2015.

22 - Benczik EBP. A importância da figura paterna para o desenvolvimento infantil. *REv. Psicopedag*. 2011 [Acesso em 22 set 2017];28(85):67-75. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862011000100007&lng=pt&nrm=iso

23 - Ribeiro CR, Gomes R, Moreira MCN. A paternidade e a parentalidade como questões de saúde frente aos rearranjos de gênero. *Cienc Saúde Coletiva*. 2015;20(11):3589-98. <https://doi.org/10.1590/1413-812320152011.19252014>

Nota: Este artigo original faz parte da Monografia de Final de Curso de Enfermagem da Universidade Federal Fronteira Sul – UFFS campus, Chapecó/SC.

Recebido em: 11/05/2017

Aprovado em: 06/11/2017

Endereço de correspondência:

Angélica Zanettini

Rua Uruguai, nº 746 - Centro

CEP: 99010-110 Passo Fundo-/RS - Brasil

E- mail: angeliica.zanettini@gmail.com